

# A CRIANÇA E O ADOLESCENTE NA ATUALIDADE E A PSICOLOGIA DO EDUCADOR\*

MARIA LÚCIA DE OLIVEIRA\*\*

Com o intuito de apresentar o tema de forma muito geral, gostaria de observar que valorizar a psicologia do educador é recuperar sua importância na ação de educar; na parceria pela construção do conhecimento e do desenvolvimento emocional, essenciais para a maturidade do sujeito e para a constituição de sua identidade pessoal.

Considerando os muitos desafios a quem, neste final de século, se ocupe de desenvolver as novas gerações num cenário dominado pela tecnologia e pela informação, que restringem a importância do humano e tornam prescindíveis as relações interpessoais, parece-nos essencial discutir a relação existente entre a educação e a psicologia do educador.

Neste final de milênio, vivemos um período de crise, que não sabemos se maior ou menor do que outras que tenham ocorrido no passado. Mas, parece que oscilamos entre a transmissão cega de padrões antigos e a ruptura drástica das tradições, vivendo certa fragmentação - vivemos uma crise de identidade.

O rompimento da cadeia geracional, o bombardeio de informações de maneira fragmentada, aleatória e parcial, (dificultando tanto a representação da realidade como a da identidade (auto-representação), a busca de satisfação imediata, a exacerbação da competitividade, a apatia e a perda ou a dificuldade de manter ideais, principalmente entre os

---

\*Trabalho apresentado em mesa redonda da "Jornada de Educação: novos tempos, novos caminhos (?)", FCL/UNESP/CAr., 1998.

\*\* Professora Doutora do Deptº de Psicologia da Educação da Faculdade de Ciências e Letras/UNESP/Câmpus de Araraquara e do Programa de Pós-Graduação em "Psicologia e Sociedade" - UNESP - Assis - Área de Psicologia e Saúde Coletiva.

adolescentes, vêm sendo apontados como características de nosso tempo pós-moderno.

Frente à rapidez das transformações tecnológicas, à crescente liberdade, desacompanhada de responsabilidades, à desvalorização do indivíduo, e do aniquilamento do sentido de existência do próximo (Lei do Gerson) ao caráter descartável e consumista dos vínculos sociais, afirma-se que caminhamos da conquistada individuação para o individualismo o que se configura numa decadência do mundo ocidental (Levisky, 1998).

Não são poucos os trabalhos que vêm mostrando o consumismo desenfreado ligando-se a um vazio emocional que se expressa como obediência à mídia. Nesse contexto, o uso de drogas e a dificuldade de tolerância à frustração serem tão comuns na infância e na adolescência, figurando como sintomas da atualidade. Também o desnorreamento dos pais e a falta de atenção emocional dedicada aos filhos parece outra característica da desorientação geral em que vivemos.

O desafio, hoje, parece a criação de novas subjetividades, onde a informação e o conhecimento não excluam o investimento em vínculos afetivos, sem o quê, o pensar não tem sustentação.

Não obstante a divulgação científica a respeito da vinculação dos aspectos emocionais afetivos à construção do conhecimento e do auto-conhecimento, parece que esse vínculo não vem sendo considerado de maneira significativa no âmbito educacional, mesmo quando se trata de considerar as relações inter-subjetivas (entre educador e educando) na construção do conhecimento e da identidade da criança e do adolescente.

A tendência atual de nosso mundo é a de incitar a produção de consumidores de informações e a substituição da sabedoria, experiência da tradição, pela constante absorção de informações também cambiantes.

A informação tornou-se mercadoria valiosa. A ciência e a tecnologia são instrumentos de produção de riqueza e, nosso mundo, parece construído para valorizar mais os emblemas do que as substâncias. A vida parece deixar-se conduzir pela tecnologia da velocidade e pela massividade de informações.

Se bem adaptada a esses objetivos e características culturais, a educação não se ocupa da preparação de pessoas aptas a elaborar conceitos “de verdade” e de valor, mas sim a apossarem-se de competência e eficiência a partir de aquisições ditas objetivas, calculáveis e informativas. Produz cidadãos de papéis.<sup>1</sup>

Nesse contexto, penso que discutir o tema desta mesa numa perspectiva que considere a o peso do vínculo intersubjetivo no processo educacional é chamar a atenção para a importância do educador e promover uma reflexão sobre sua condição atual, frente aos desafios da educação de crianças e adolescentes no contexto atual de nossa cultura.

Levisky (1998) escrevendo sobre o processo de identificação na sociedade atual aponta as quebras constantes de valores éticos e morais, a tendência à satisfação imediata e concreta dos desejos resultando numa liberação maior do princípio do prazer e dos processos primários de pensamento, como fatores marcantes de nossa cultura.

Observa que esses fatores afetam a capacidade de tolerância à frustrações, de contenção da impulsividade diminuindo as defesas essenciais a integração e ao equilíbrio psíquico, elementos estruturais internos e sociais.

Nesse cenário social, adverte que se torna necessário um esforço maior e consciente para equilibrar esse jogo de forças cuja tendência espontânea parece ser a de caminhar para o caos dificultando o processo de constituição de identidade (representação de si como uma unidade) principal

---

<sup>1</sup> O termo papel aqui não tem o mesmo sentido daquele usado por Gilberto Dimenstein. A expressão corresponde à vivência de um papel como ocorre na representação teatral.

mente do adolescente e podemos pensar também da identidade profissional do educador.

Os processos de identificação da criança e do adolescente ocorrem a partir de movimentos psíquicos existentes na relação pais/filhos(as), com o último(a) incorporando, desenvolvendo e transformando, buscando alcançar seus próprios modelos, seu modo de ser, pensar e viver. Nisso, destaca que a cultura se faz presente pelo modelo identificatório dos pais, e pela ação direta da cultura sobre os indivíduos (escola, professores, instituições etc...), - em especial sobre as crianças e adolescentes, por estarem num momento de construção das bases de suas identidades. Esse processo estabelece-se dentro de um clima determinado pelos valores impostos pela cultura vigente, que facilita ou inibe a expressão dos movimentos pulsionais de vida e de morte. (Levisky, 1998 p. 72. Grifos nossos).

Para Sigmund Freud, para quem a educação bem sucedida significa o empenho na árdua luta para dar voz aos sonhos infantis e a verdade inconsciente de cada um de nós na paixão pelo conhecimento, a educação, ao contrário de fundamentar-se na idéia de desenraizamento de um mal originário, concepção da educação tradicional, deve definir-se pela tarefa de transformar impulsos em atividades sublimadas. Esse processo implica o educador, na medida em que ele possa assegurar a permeabilidade entre a realidade psíquica e a realidade externa, buscando para seu educando o equilíbrio entre prazer individual e necessidades sociais.

A tarefa do educador é complexa, porque não se limita a uma atividade controlável intencionalmente e assegurada por técnicas educativas específicas. Ao contrário, a atividade de formação requer por excelência a técnica humana, como afirma René Kaës.

No trabalho “A paixão de formar”, Maria Cecília Pereira da Silva, investiga em professores bem sucedidos e

satisfeitos com seu ofício, o que seria a paixão de formar. A partir dos resultados que obteve, não foi possível detectar regras ou métodos que garantissem a eficiência da pedagogia dos professores envolvidos em sua pesquisa. Ao contrário, através de uma análise microscópica de relatos dos professores, encontrou como matéria prima de seu sucesso, uma fonte criativa baseada em recursos internos do professor. A autora ressalta que, na possibilidade de poder perder, de aceitar os próprios limites, a criação pode emergir e constituir, assim, a arte de formar. Mas, observe-se que, a arte de formar ou a paixão de formar contém em si um conflito, uma contradição: envolve posse, dependência e uma relação de dar e tomar forma, de relação com o outro, de desenvolvimento, de libertação e autonomia. Isto é, a educação é produto de um complicado processo envolvendo ao mesmo tempo a domesticação e a autonomia.

Para além de métodos e técnicas, a aprendizagem se faz sempre com um outro, é fruto de relações que promovem conhecimento e auto-conhecimento. Acentuar a importância da relação é, ao mesmo tempo, relativizar a supremacia dos recursos da tecnologia pedagógica.

A partir das contribuições da teoria psicanalítica sobre o caráter inconsciente dos processos psíquicos fundantes do processo educacional, impõe-se o reconhecimento de que a educação escapa à intencionalidade do educador, que educa-se pelo que se é e apesar do que se é. O processo educativo envolve identificações essencialmente inconscientes. Não são propriamente fruto de ações intencionais, mas dependem das interrelações e da intersubjetividade. Nesse contexto, faz sentido o modo do educador se colocar em relação ao educando, como faz sentido cuidarmos da qualidade das interrelações.

Na pesquisa a que nos referimos, a autora descreve o professor apaixonado como sendo aquele que pode sentir prazer nas diferenças, que é capaz de conviver, concomitantemente, com sua paixão e sua razão, sendo, a

paixão, produto de aspectos infantis que se atualizam racional e amorosamente na atividade educativa. Daí ele poder conviver com divergência de idéias numa relação de reciprocidade e transformar-se. Mas, como ela observa, não para ser igual ao outro, e sim, para pensar e crescer, como um ser inacabado que abre mão da própria onipotência; aquele, capaz de perder alguém como filho ou discípulo, extensão de si próprio, para ganhá-lo como ser pensante e independente, capacitado para ocupar o lugar de professor, pai, mãe... de se inserir na cultura para usufruí-la e transformá-la.

O educador pode ser descrito, então, como aquele que é capaz de reconhecer a dependência da relação formativa, colocando-se como mediador, permitindo ao outro o diferenciar-se, o afirmar-se sem a necessidade de que o faça à sua imagem e semelhança. Ao contrário, espera-se que o caráter inicial assimétrico, em que se baseia a relação, isto é, a situação de sábio X ignorante ou de autoridade X submissão, possa transformar-se numa relação de aceitação, por parte do educador, de ser superado como figura ideal, e do reconhecimento por parte do educando, da importância da autoridade do educador na construção de sua identidade e individualidade.

Essa parece-nos a essência da condição na qual, o educando, cria seu próprio estilo e desenvolve, o gosto pelo conhecimento e a condição de pensar por conta própria. Isso, evidentemente, vincula-se à aceitação, por parte do educador, de suas limitações e da consciência de suas possibilidades, base necessária ao caráter construtivo de sua prática educativa.

Contrariando a ideologia dominante que propaga a condição de igualdade na relação educador - educando, (aluno ou filho) lembro que a idéia de assimetria horizontal proposta por Bernardete Amêndola (1998) é muito ilustrativa para pensarmos essas relações. A assimetria horizontal expressa uma relação de complementaridade entre as partes que a compõem. Sendo a relação complementar, as diferenças entre as partes não conferem a nenhuma delas o "status" de melhor ou pior, de menos ou mais. As partes diz ela, "se precisam" para for-

mar o todo, ou seja, uma se define em função da outra, muito embora sejam irreduzíveis uma a outra. A assimetria é horizontal porque os elementos que compõem a relação são diferentes mas permanecem no mesmo nível.

Outro aspecto que julgo oportuno abordar é a relação entre o lugar ocupado pela criança na educação atual e sua progressiva ascensão social. No trabalho da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, de 1994, intitulado “Educa-se uma criança?”, analisa-se o ideal educativo que propõe às crianças um futuro de felicidades e que tem por alicerce a razão. Discute-se que a exigência imposta às crianças, de que atinjam a meta não alcançada pelos pais, parece resultar em fracasso. Os pais desejam que seus filhos sejam exceção, “a criança esperança”, a criança ideal.

Observa-se que, na medida em que a criança é vista como um ideal e colocada no lugar de um ideal, ao fracassar, torna-se sacrificada e individualmente responsabilizada. Em outros termos, a crença na onipotência da educação tende a criar o fracasso e a impotência.

Por outro lado, a imersão no espírito de nosso mundo, tão competitivo, tão individualista, significa que para o alcance do sucesso almejado pode “valer tudo”. Banalizam-se, por isso, os valores, os vínculos, as relações, as interdições, a violência, abandonando-se a ética enquanto andaime da civilização.

Observe-se, ainda, que a busca do ideal almejado para crianças e adolescentes, parece contar menos com o valor da memória ou da tradição, como matéria prima para transformações, e mais com um processo que mira objetivos calculados e rapidamente renováveis. Estabelecendo-se, assim, não a valorização do processo ou dos meios para atingir ideais, mas do alcance dos objetivos. Vários autores têm apontado que a Educação, incluindo-se aí a escolar, vem substituindo a transmissão de experiências pelo saber científico, o que significa a desvalorização dos modelos identificatórios

e o não reconhecimento de que, a construção da identidade de um sujeito, se dá na experiência significativa, nas relações vividas, em sua história. Decorre daí a crença supervalorizada de que a capacitação humana e o desenvolvimento de habilidades, de capacidades, é produto de transmissão de informações, mais que de experiências. Questão mais de ciência do que de arte e sabedoria.

Embora expondo suas vítimas, os tentáculos dessa concepção baseada nas ciências objetivas continuam muito presentes entre nós, seja como inspiração para as políticas educacionais, seja como inspiração de práticas educativas.

Isolar a importância do educador, no processo educacional, desconsiderando sua psicologia, sua experiência, seu dinamismo inconsciente, a maneira como concebe o conhecer e advogar em favor da objetividade do processo educacional, resulta numa concepção simples e equivocada da educação.

Seguindo nessa crítica, Betts (1994), observa que a ciência surge como o amo moderno, apresentando-se como um saber que superaria e substituiria o suposto saber do pai. A aspiração da ciência é de acumular um conhecimento total, sobre o real até se constituir na força mais poderosa do universo. Com seu saber positivo, a ciência se proclama guia para a existência, ensinando a maneira boa, saudável e normal de ser, orientando-nos com suas prescrições para, afinal, atingirmos a felicidade. Assistimos a uma interminável proliferação de receitas. Nesse sentido, o autor adverte que a educação pode se reduzir à pedagogia no seu sentido moderno.

Profissionais de diversas áreas vem observando ainda que os pais vêm sendo destituídos progressivamente do papel de educadores de seus filhos. Pai e mãe foram substituídos por saberes científicos e a família fica cada vez mais restrita quanto à sua competência para educar. É visível em nosso meio o quanto o saber suposto sobre a infância transpõem-se dos pais para pediatras, pedagogos, psicólogos e nutricionistas, técnicos da infância, instrumentalizados de saberes objetivos sobre a educação.



Jerusalinsky, faz uma interessante advertência a todos nós quando diz que Pedagogos e Técnicos diversos da infância são os consultores, conselheiros e orientadores, que, armados de testes, parâmetros estatísticos, sistemas e metodologias variadas, oferecem um saber objetivo, em lugar de opiniões, princípios ou modelos identificatórios. Segundo ele mesmo, dito de outro modo, trata-se da ilusão de vir a produzir um saber sem desejo, de um saber sem falta. Expurga-se qualquer saber não positivável e controlável, afastando-se a sua subjetividade. Dessa forma, a psicologia do educador tem muita importância, principalmente se enfatizarmos que “se os afetos e as emoções têm íntima ligação com a inteligência e vice-versa e se o ato de ensinar - aprender ocorre num processo relacional, teremos que levar em consideração toda variada gama de expressões dos afetos e das emoções, presentes na relação professor-aluno e, conseqüentemente, na transmissão e na apropriação do conhecimento” (Almeida, 1993). A educação é um projeto e um produto da intersubjetividade.

Um mundo que promove a ascensão social da criança, de modo a realizar o ideal do adulto, explora o exacerbamento da tendência à posse, à desconsideração e à deformação do outro. Instiga a competição exagerada num cenário de franco consumismo que, ao acenar com a possibilidade de sermos o melhor todo o tempo, nos condena a tornarmos-nos vítimas dessa ilusão. Então, se parece tão necessário, hoje, redobramos a atenção sobre o fato de que o amadurecimento pessoal se faz com um outro, capaz de dar significado às vivências como um **modelo vivo**, é porque vivemos numa sociedade embasada na ilusão de que, formação, é igual a informação e, ser, é igual a saber e igual a parecer.

Como ser educador, e o que é ser um, numa sociedade em que a educação corre o risco de ser compreendida como sinônimo de pedagogia?

Refletir sobre essas questões revela que estamos aptos a gerar um novo tempo, no qual, formação, signifique uma

busca interminável para o desenvolvimento pessoal e da arte de educar; da sensibilidade educativa como meio de possibilitar, à criança, e ao adolescente o processo de maturidade e a paixão pelo conhecimento. Para tanto, o educador precisa resistir a ser autor e consumidor de receituários e manter significações, de vida, distintas dos modelos mais massificados.

O caminho promissor é o da associação do desenvolvimento pessoal, informação e experiência, que conduziria ao amadurecimento pessoal - profissional e portanto ao exercício do caráter amoroso de seu ofício: **o desejo de saber e de “fazer saber”**.

### BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, S.F.C. de. O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar - aprender. *Temas de Psicologia*, 1, 1993, 31-44.
- ASSIS, M. B. C. de. O trabalho apresentado a SBPSP. Texto inédito, 1998.
- BETTS, J. A. Missão impossível? Sexo, Educação e Ficção científica in: CALLIGARIS, C. et alli. *Educa-se uma criança?*: Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas* Madrid: Biblioteca Nueva, 1973.
- JERUSALINSKY, A. *Educa-se uma criança?* Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.
- LEVISKY, D. L. *Adolescência: reflexões psicanalíticas* - 2ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- OLIVEIRA, M. L. de. Por que a Psicanálise na Educação: Fragmentos. *Revista de Psicologia “Perfil”*. Deptº de Psicologia Clínica FCL - UNESP - Assis, IX, 1996, 25-35.
- SILVA, M. C. P. de. *A Paixão de Formar: Da Psicanálise à Educação* - Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.